

O MAPEAMENTO DE SABERES POPULARES SOBRE PLANTAS MEDICINAIS EM UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA EM RONDONÓPOLIS-MT, POR MEIO DA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Márcio Alessandro Neman do Nascimento¹
Jefferson Adriã Reis²
Lucas Silva Peixoto³
Samanta Silva Souza⁴
Cíntia Rosa Sampaio⁵
Maria de Fátima de Oliveira⁶

RESUMO – Tratamentos alternativos com plantas medicinais são uma prática comum. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico baseado na sabedoria popular é uma forma de proteger o conhecimento das comunidades. No entanto, o uso das plantas medicinais e os procedimentos terapêuticos podem oferecer alguns riscos e resultados menos eficazes se realizados de modo incorreto. Tais ações devem ser desempenhadas com responsabilidade e é importante que os profissionais de saúde discutam sobre essas questões. Este trabalho visou o resgate e a valorização de conhecimentos populares a partir de um grupo de convivência e teve como objetivo o repasse de informações para o uso racional e eficiente das plantas medicinais e fitoterápicos. Para isso, os profissionais de saúde buscaram articular, por meio de educação em saúde, a necessidade de se desenvolver ações efetivas de comunicação e Promoção da Saúde, como encontrar estratégias educativas, informativas e comunicativas. A metodologia da pesquisa foi qualitativa, assim como a análise dos dados obtidos, tendo como técnica e ferramenta reuniões, formulários, diário de campo, observações participativas e planejamento de elaboração das intervenções.

Palavras-chave: Saberes Populares, Educação em Saúde, Plantas Medicinais.

ABSTRACT (THE MAPPING OF POPULAR KNOWLEDGE ON MEDICINAL PLANTS IN A GROUP OF COEXISTENCE IN RONDONÓPOLIS-MT, BY MEANS OF THE PROPOSAL OF HEALTH EDUCATION). Alternative treatments with medicinal plants are a common practice. The use of medicinal plants as therapeutic resource based on the popular wisdom is a form of protecting the communities' knowledge. However, the use of the medicinal plants and the therapeutic procedures can offer some risks and less effective if accomplished results in an incorrect way. Such actions should be carried out with responsibility and it is important that the professionals of health

¹ Professor Adjunto do Curso de Psicologia e Tutor de Psicologia do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família (PREMSAF), da Universidade Federal de Mato Grosso/Câmpus Rondonópolis. Coordenador do Laboratório Esquizoanalista de Produção de Subjetividades e(m) Interseccionalidades (LEPSI), que abrange o projeto de extensão “Formação Básica em Fitoterapia, Aromaterapia e Alimentação Saudável na Atenção Primária à Saúde”. E-mail: marcioneman@gmail.com (autor correspondente).

² Formado em Letras e Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso/Câmpus Rondonópolis. Bolsista do referido projeto de extensão. Integrante do LEPSI.

³ Farmacêutico do PREMSAF/Câmpus Rondonópolis.

⁴ Psicóloga do PREMSAF/Câmpus Rondonópolis.

⁵ Farmacêutica do PREMSAF/Câmpus Rondonópolis.

⁶ Educadora em um Centro de Referência da Assistência Social do Município de Rondonópolis/MT.

discuss on those subjects. This work sought the rescue and the valorization of popular knowledge starting from a coexistence group and he/she had as objective he reviews of information for the rational and efficient use of the medicinal plants and fitoterápicos. For that, the professionals of health looked for to articulate, through education in health, the need to develop effective actions of communication and Promotion of the Health, as he/she finds strategies educational, informative and communicative. The methodology of the research was qualitative, as well as the analysis of the obtained data, tends as technique and tool meetings, forms, field diary, observations participativas and planning of elaboration of the interventions.

Key Words: Popular knowledge, Education in Health, Medicinal Plants.

INTRODUÇÃO

Tratamentos alternativos com plantas medicinais são uma prática comum, principalmente em países subdesenvolvidos, mas, muitas vezes, as pessoas têm o pensamento estabelecido de que o natural não fará mal. Fonseca (2008) demonstra preocupação com os fitoterápicos, cujo uso é muitas vezes realizado sob a perspectiva de que são inofensivos e se não farão bem, não farão mal.

A procura por fitoterápicos relaciona-se com a questão socioeconômica, por causa de seu baixo custo. Luiz (2001) enfatiza que por motivo do alto custo dos medicamentos alopáticos, uma parcela significativa da população mundial permanece marginalizada e sem acesso a esses benefícios, o que a mantém em contextos de vulnerabilidades, entre eles aqueles referentes à saúde coletiva. Outro fator que contribui para a procura da fitoterapia são os efeitos colaterais decorrentes do uso de medicamentos sintéticos, muito frequentes e relativamente intensos (SANTOS, 2003).

A prática de fitoterapia evoluiu com o passar dos séculos em diferentes culturas, desde as formas mais simples de tratamento local até as formas tecnologicamente mais sofisticadas de fabricação industrial (LORENZI; MATOS, 2002). Lopes *et al.* (2012) relatam que o uso de plantas medicinais como recurso terapêutico é comum entre diversos grupos culturais, portanto preservar a sabedoria popular é uma forma de proteger o conhecimento de comunidades tradicionais. O acervo natural mostra a exuberância de variedades de espécies disponíveis, o que permitiu exaltar a diversidade, importância e riqueza do saber popular, traçando um perfil dos locais de coletas, espaços mutantes nos quais moradores investem no cultivo e preservação da biodiversidade (OLIVEIRA, *et al.*, 2016).

Porém, para que essas ações sejam desempenhadas com responsabilidade, é necessário discutir alguns desafios que se apresentam aos profissionais da área da saúde,

como o conhecimento das indicações e melhores formas de uso das plantas ou medicamentos fitoterápicos e a orientação da população quanto à eficácia, segurança e qualidade destes. Dentre os temas a serem discutidos ainda se encontram a orientação quanto à possibilidade de adulteração de produtos, de interações medicamentosas ou com influência em exames laboratoriais; a questão da superdosagem, do surgimento de reações alérgicas ou toxicológicas; e a ação sinérgica, interação com outras drogas (MANSOOR, 2001; GEDIF, HAHN 2003; BENT, KO, 2004; VEIGA JUNIOR *et al.*, 2005). O uso de plantas medicinais para finalidades terapêuticas difunde-se cada vez mais de geração em geração em diferentes localidades e culturas. No Brasil, esses conhecimentos podem ter origem em saberes oriundos de produções africanas, europeias e indígenas e abarcam a diversidade da flora do país (SOERJATO, 1996; LORENZI, MATOS, 2002;).

Nessa perspectiva, o presente estudo objetivou mapear o saber popular sobre plantas medicinais de um grupo de convivência. Esse mapeamento investiu na construção de produção de conhecimento por intermédio de oficinas e rodas de conversa pensadas a partir da Educação em Saúde, preconizada pelo Ministério da Saúde. Os objetivos específicos a serem atingidos por meio dessas ações foram: conscientizar as participantes, valorizar o saber popular, promover o uso racional de plantas medicinais por meio de técnicas de manejo de preparo e conservação dos recursos naturais e o cuidado com as interações medicamentosas.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo delimitou-se a um grupo de convivência de usuários de um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município de Rondonópolis, no Estado de Mato Grosso, e é um desdobramento do projeto de extensão “Formação Básica em Fitoterapia, Aromaterapia e Alimentação Saudável na Atenção Primária à Saúde”.

A equipe da Residência Multiprofissional em Saúde da Família (PREMSAF) da Universidade Federal de Mato Grosso, câmpus de Rondonópolis, apoiada pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), realizou uma série de oficinas sobre o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos. As atividades aconteceram de julho a

dezembro de 2017, com encontros semanais que duravam em torno de 2 horas e se estruturaram em oficinas e rodas de conversa. Essas ações práticas e didáticas possibilitaram a criação de um vínculo entre os participantes e profissionais residentes, desta forma configurou-se o que Sorato, Wit e Faria (2010) denominam conhecimento situacional de grupo.

O enfoque principal da pesquisa qualitativa manteve-se na observação participante e análise das práticas discursivas das participantes em construção dialógica de conhecimento com os mediadores das oficinas. Foram escritos relatórios referentes aos encontros semanais redigidos a partir dos diários de campo, montou-se um acervo de fotografias e aplicou-se questionários e entrevistas. A ênfase nas práticas discursivas registradas foi utilizada para a análise do discurso e da produção de saberes que aconteceram durante os encontros (SPINK, 2008; SPINK, 2010).

As atividades foram coordenadas por uma educadora, três residentes do PREMSAF, sendo dois farmacêuticos e uma psicóloga, e um estagiário bolsista do projeto de extensão. Buscou-se articular a necessidade de se desenvolver ações efetivas para a promoção do uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, bem como encontrar estratégias socioeducativas, informativas e comunicativas, tendo como base a Promoção da Saúde, que se baseia na premissa de instrumentalizar o sujeito, tornando-o protagonista nos cuidados da própria saúde.

O material didático, elaborado pelo projeto, constituiu-se de imagens de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos, músicas e extratos secos de plantas e *in natura*. Esses materiais deram suporte a uma tecnologia educacional de caráter interdisciplinar focada na orientação, conscientização e valorização do saber popular. Aconteceram, também, oficinas expositivas, momento em que as participantes desenvolveram atividades práticas referentes às plantas medicinais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O número de participantes por encontro variou de 10 a 15 pessoas. Essas pessoas eram naturais de todas as regiões do país, algumas nascidas no Mato Grosso e outras que migraram em busca de melhores condições de empregabilidade. O grupo foi

composto em sua totalidade por mulheres, moradoras da zona urbana em processo de envelhecimento, com faixa etária entre 45 e 60 anos. A maioria afirmou fazer uso frequente de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos e todas as participantes utilizaram essa terapia em algum momento da vida: *“A gente desde criança já nasce tomando chá. É a vó, é a vizinha, é a benzedeira. A gente toma garrafada, acha plantas nos terrenos e nos quintais. Quem é do sítio utiliza ainda mais”* (Participante 1).

Para Santana e Guarim Neto (2017), os conhecimentos do uso de plantas medicinais são resultados das relações interculturais de pessoas procedentes de diversas partes do país. Estudos mostram que terapias à base de plantas medicinais são utilizadas principalmente pelos idosos (CANTER, ERNST, 2004; GAMA, SILVA, 2006; MARLIÉRE *et al.*, 2008; LOYA *et al.*, 2009; ROSA *et al.*, 2012).

No primeiro encontro foram elencadas as necessidades específicas daquele grupo de mulheres a partir de queixas em relação à utilização das plantas medicinais. Elas descreveram o modo como preparavam os fitoterápicos, como faziam uso das plantas medicinais e dos medicamentos alopáticos e como os armazenavam. No primeiro encontro, questionou-se também se alguma participante utilizava medicamentos para tratamento de doenças crônicas, sendo a diabetes mellitus e a hipertensão arterial as únicas citadas: *“Eu faço tratamento de diabetes, eu tomo a medicação do postinho, mas sempre tomo algum chá pra ajudar a diminuir a minha diabetes. Eu acho que dá certo”* (Participante 2).

Em relação específica às equipes de Atenção Primária à Saúde pertencentes aos territórios dos quais as participantes eram oriundas, elas relataram que essas equipes desconheciam a aplicabilidade da fitoterapia e dos fitoterápicos e não estavam aptas para orientar quanto à interação medicamentosa entre tratamentos alopáticos e fitoterápicos. Outro aspecto que apareceu nos discursos das participantes diz respeito ao receio de relatarem aos profissionais das equipes de atenção primária que elas utilizam plantas medicinais conhecidas pela cultura popular passada de geração a geração.

Em composição com o processo metodológico interventivo, investiu-se no conhecimento da cultura territorial da qual as participantes faziam parte. Conhecer os aspectos sócio-histórico-políticos e culturais que produzem subjetividade nessas pessoas auxiliou na análise de como crenças, valores, processos de aprendizagens geracionais

modelam as práticas sociais e discursivas. Conhecer e estudar o perfil de cada população no que diz respeito ao conhecimento e uso de plantas medicinais é importante para que se possa direcionar qualquer estratégia de implantação de um programa de uso racional de plantas medicinais (OMS, 2002).

No Brasil, o Ministério da Saúde tem realizado ações para a inserção das Práticas Integrativas e Complementares e plantas medicinais nos cuidados da saúde da população. Nesse sentido, documentos como a Política de Plantas Medicinais e o Programa de Plantas Medicinais e Fitoterápicos buscam estabelecer diretrizes e linhas prioritárias para o desenvolvimento de ações que garantam o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos no país (BRASIL, 2006).

A maioria das participantes relatou que adquiriu conhecimentos sobre plantas medicinais com pais, avós e outros familiares. Uma delas disse ter recebido essas informações de familiares indígenas: *“Minha avó era índia e ensinou um monte de coisa sobre plantas pra gente. Antes não tinha isso de postinho e de remédio, tinha que se virar com o que tinha”* (Participante 3). A prática da utilização das plantas medicinais é milenar, tradicional e integra a cultura brasileira, sendo transmitida por práticas culturais de geração em geração de acordo com a cultura de cada local (OMS, 2002; PEREIRA *et al.*, 2004; ARNOUS *et al.*, 2005; MELO *et al.*, 2007; SCHWAMBACH, AMADOR, 2007; VEIGA JUNIOR, 2008; BRASILEIRO *et al.*, 2008; LOPES *et al.*, 2012; KORCZOVEI; ROMAGNOLO, 2013; BATISTA; OLIVEIRA, 2014; LEAL, TELLIS, 2015; FLOR, BARBOSA, 2015; VEIGA; SCUDELLER, 2015; FEITOSA *et al.*, 2016; LIMA, NASCIMENTO, SILVA, 2016; SANTOS *et al.*, 2016).

Quando questionadas sobre o local onde coletam as plantas medicinais, a maioria das participantes relatou adquiri-las nos próprios quintais ou com vizinhos: *“É muito comum a gente ter uma plantinha no quintal das nossas casas. A gente também costuma pegar no quintal das conhecidas. Sempre tem alguém que tem”* (Participante 4). Essa realidade coincide com informações trazidas por trabalhos publicados anteriormente, os quais afirmam que a maioria da população local coletava as plantas medicinais em quintais e não realizava coletas nas matas próximas à comunidade (CORTEZ *et al.*, 1999; MENDONÇA FILHO, MENEZES, 2003; PEREIRA *et al.*, 2004;

ARNOUS *et al.*, 2005; SOUZA, FELFLI, 2006; VEIGA JUNIOR, 2008; BRASILEIRO *et al.*, 2008; NETO *et al.* 2014; OLIVEIRA, LUCENA, 2015).

De acordo com as participantes, o chá é a forma mais utilizada por elas para consumo da fitoterapia. O modo de preparo mais frequente é a infusão e o segundo modo, a decocção: *“Ah, o jeito que eu mais faço chá é fervendo a água e colocando as folhas dentro, mas não sei se faço certo. Quando a planta tem que ferver com a água e quando só tem que colocar depois que a água já ferveu”* (Participante 5). Esses processos de preparo foram relatados como mais utilizados em trabalhos semelhantes (REZENDE, COCCO, 2002; ARNOUS *et al.*, 2005; PASA *et al.*, 2005; AZEVEDO, KRUEL, 2007; VEIGA JUNIOR, 2008; BRASILEIRO *et al.*, 2008; SILVA *et al.*, 2012; PEIXOTO, COSTA, MARISCO, 2015).

A prática crescente e por muitas vezes indiscriminada da utilização de plantas medicinais exige a imposição de ações que orientem a população no sentido de educá-la quanto ao uso correto, pois essas plantas podem ocasionar problemas quando mal ministradas. A orientação sobre as melhores formas de preparo das plantas medicinais é de extrema importância, não somente para garantir a presença do princípio ativo, mas também para evitar intoxicações (MAGALHÃES-FRAGA, OLIVEIRA, 2010; LOPES *et al.* 2015).

As experiências e vivências em se tratando de plantas medicinais e fitoterapia trazidas pelas participantes foram imprescindíveis para o planejamento da segunda parte interventiva (orientações e informações). Foram realizadas rodas de conversas educativas em saúde (Figura 1) com o intuito de orientar as participantes quanto às possíveis interações e os riscos que as plantas medicinais e os fitoterápicos podem oferecer quando utilizados de forma indevida. As participantes aprenderam a identificar e diferenciar espécies vegetais conhecidas pelo mesmo nome popular e receberam indicações de usos, formas de preparo, cuidados na identificação botânica das plantas, procedimentos de coletas, higienização, secagem e armazenamento e contraindicações das plantas medicinais. As ações foram desenvolvidas de modo a valorizar e sistematizar os saberes das participantes.

Figura 1. Educação em saúde com o grupo de convivência no CRAS



Para o repasse das informações, os mediadores optaram por utilizar uma linguagem de fácil compreensão, evitando palavras técnicas e científicas. Fazenda (2005) considera importante o conhecimento popular que, ampliado através do diálogo com o conhecimento científico, adquire uma dimensão libertadora, possibilitando o enriquecimento da relação vivencial com o outro e com o mundo.

De acordo com as participantes, as oficinas e rodas de conversa contribuíram ao orientá-las quanto as possíveis interações medicamentosas entre plantas medicinais/fitoterápicos e fármacos convencionais: *“Eu não sabia que era perigoso misturar as plantas com os remédios que o médico passou”* (Participante 6). As plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos podem apresentar reações adversas mediante seus próprios constituintes fitoquímicos e também uma cadeia de interações com outros medicamentos ou alimentos. Os fatores estão relacionados com diagnósticos errôneos, identificação botânica incorreta, superdose, inefetividade terapêutica e reações adversas. Além disso, o uso desses produtos pode comprometer a eficácia de tratamentos convencionais, por reduzir ou potencializar seus efeitos (BALBINO, DIAS, 2008; VERRENGIA *et al*, 2013;).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que a educação em saúde, voltada às necessidades de grupos específicos, facilita o acesso e a utilização dos serviços de saúde. Sendo assim, é necessário adaptar uma dinâmica socioeducativa e facilitadora de trabalho para a realidade da comunidade local e investir na capacitação dos profissionais de saúde sobre o modo de vida, cultura local e os problemas de saúde que mais prevalecem na comunidade. Com isso, garantindo o acesso seguro de informações para o uso racional das plantas medicinais e fitoterápicos.

O projeto de extensão “Formação Básica em Fitoterapia, Aromaterapia e Alimentação Saudável na Atenção Primária à Saúde” permite que os discentes e profissionais da saúde ligados ao PREMSAF fortaleçam a relação com a comunidade e atuem na divulgação e orientação correta das plantas medicinais e da fitoterapia em outros dispositivos sociais no território da Estratégia Saúde da Família. Essa convivência com a comunidade, que aconteceu durante 6 meses, permitiu trocas de conhecimentos e experiências e levou os envolvidos a evidenciar, refletir e discutir sobre desejos relacionados aos cuidados com a saúde.

A valorização dos conhecimentos populares sobre fitoterapia e plantas medicinais potencializa a comunidade em direção à emancipação social e cultural. A validação dessa prática é de extrema importância para garantir a segurança e eficácia de sua utilização como terapia integrativa e complementar e para fortalecer a política dos profissionais e usuários dos serviços de forma crítica, participativa, interdisciplinar e intersetorial, como parcerias entre unidades de Estratégia Saúde da Família, Centros de Referência de Assistência Social e Universidade, visando a criação de uma rede de conhecimento para melhorias nas condições de promoção de bem-estar e saúde da comunidade.

REFERÊNCIAS

ARNOUS, A.H. et. al. Plantas medicinais de uso caseiro– Conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. **Revista Espaço para a Saúde**, v. 6, n. 2, p. 1-6, 2005.

Flovet, v.1, n. 10, p. 61-74. 2018

AZEVEDO, V. M.; KRUEL, V. S. F. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. **Acta Botânica Brasilica**. v. 21 n.2: 263-275. 2007.

BALBINO. E. E.; DIAS, M. F. Farmacovigilância: um passo em direção ao uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. V. 18, n. 4, p.618-626, Out./Dez. 2008.

BATISTA, A. A. M.; OLIVEIRA, C. R M. **Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade do semiárido baiano: saberes tradicionais e a conservação ambiental**. Enciclopédia biosfera, centro científico conhecer - Goiânia, v.10, n.18; 2014.

BENT S, KO R. **Commonly used herbal medicines in the United States: a review**. Am J Med; 116:478-85. 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006

BRASILEIRO, B.G. et. al. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”, Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 44, n. 4, p. 629-636, 2008

CANTER, P.H.; ERNST, E. Herbal supplement use by persons aged over 50 years in Britain: frequently used herbs, concomitant use of herbs, nutritional supplements and prescription drugs, rate of informing doctors and potential for negative interactions. **Drugs Aging**, v.21, n.9, p.597-605, 2004

CORTEZ, L.E.R. et. al. Levantamento das plantas medicinais utilizadas na medicina popular de Umuarama, PR. **Arquivos de Ciências da Saúde da Unipar**, v. 3, n. 2, p. 97-104, 1999.

FAZENDA, I.C.A. (org.). Práticas interdisciplinares na escola. Ed. Cortez, São Paulo, 1993. In: Resenha de: MONFARDINI, C.T.J. Práticas interdisciplinares na escola. Educ@ção Revista de educação do Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal (UNIPINHAL), v.1, n.3, 2005

FLOR, A.S.S.O; BARBOSA, W.L.R. Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do sossego no Distrito de Marudá – Paraná. **Rev. bras. plantas med.**, v.17, n.4, supl. I, p.757-768, 2015.

FONSECA A. **Medicamentos fitoterápicos**. In: Fonseca, A.L. Interações medicamentosas. 4ª. ed. São Paulo: EPUB, p. 531-534. 2008.

GAMA, M.A.X.; SILVA, M.J.P. A utilização da fitoterapia por idosos de um Centro de Saúde em área central da cidade de São Paulo. **Saúde Coletiva**, v.11, n.3, p.79-84, 2006.

GEDIF, T.; HAHN HJ. **The use of medicinal plants in self-care in rural central Ethiopia.** *J Ethnopharmacol*; 87:155-61. 2003.

KORCZOVEL, S. R. M; ROMAGNOLO, M. B. **Plantas medicinais: valorização e preservação do conhecimento popular associado ao conhecimento científico.** Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. 2013

LEAL, L. R.; TELLIS, C. J. M. Farmacovigilância de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: uma breve revisão. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, Vol, 9(4), 253-303, Out Dez 2015

LIMA, I. E. O; NASCIMENTO, L. A. M; SILVA, M. S. Comercialização de Plantas Medicinais no Município de Arapiraca-AL. **Rev. bras. plantas med.** vol.18 no.2 Botucatu Apr./June. 2016.

LOPES, Isabela, S *et al.* Levantamento de plantas medicinais utilizadas na cidade de Itapetim, Pernambuco, Brasil. **Rev. Bio. Far.** vol. 07 n° 01. ISSN 1983-4209. 2012.

LOPES, M.A.; NOGUEIRA, I.S.; OBICI, S.; ALBIERO, A.L.M. Estudo das plantas medicinais, utilizadas pelos pacientes atendidos no programa “Estratégia saúde da família” em Maringá/PR/Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.17, n.4, supl. I, p.702-706, 2015

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. 544p.

LOYA, A.M *et al.* Prevalence of polypharmacy, polyherbacy, nutritional supplement use and potential product interactions among older adults living on the United States-Mexico border: a descriptive, questionnaire based study. **Drugs Aging**, v.26, n.5, p.423-436, 2009

LUIZ, F.J.F. Plantas medicinais de uso popular em Boa Vista, Roraima, Brasil. **Horticultura Brasileira**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 88-96. 2001.

MAGALHÃES-FRAGA, S. A. P.; OLIVEIRA, M. F. S. Escolas Fitoparceiras: Saúde, Ambiente e Educação através das Plantas Medicinais. **Revista Fitos** Vol.5 N°01 Março 2010

MANSOOR GA. **Herbs and alternative therapies in the hypertension clinic.** *Am J Hypertens*; 14:971-75 2001.

MARLIÉRE, L.D.P. et al. Utilização de fitoterápicos por idosos: resultados de um inquérito domiciliar em Belo Horizonte (MG), Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.18, suppl., p. 754-760, 2008

MELO, J. G *et al.* Qualidade de produtos a base de plantas medicinais comercializados no Brasil: castanha-da-índia (*Aesculus hippocastanum* L.), capim-limão (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf) e centela (*Centella asiatica* (L.) Urban). **Acta Botânica Brasilica**, São Paulo, v. 21(1), p.27-36, 2007

MENDONÇA FILHO, R.F.W.; MENEZES, F.S. Estudo da utilização de plantas medicinais pela população da Ilha Grande – RJ. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.13, p. 55-58, 2003

NETO, F. R. G *et al.* Estudo Etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela Comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia, Brasil. **Rev. bras. plantas med.** vol.16 no.4 Botucatu Oct./Dec. 2014.

OLIVEIRA, D. M. S; LUCENA, E. M. P. O uso de plantas medicinais por moradores de Quixadá–Ceará. **Rev. bras. plantas med.** vol.17 no.3 Botucatu July/Sept. 2015

OLIVEIRA, E. P. B.; PEIXOTO, L.S.; BALDISSEIRA, M.; ANDRIGHETTI, C. R. Uso, diversidade e conhecimento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas para o tratamento da malária no município de Nova Santa Helena – MT. **FLOVET** –. v.1, n. 8, p. 89-108, agosto. 2016

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Estratégia de la OMS sobre medicina tradicional 2002-2005**. Genebra, Suíça, 2002. 65p.

PASA, M.C.; SOARES, J. J; NETO, G.G. Estudo etnobotânico na comunidade de ConceiçãoAçu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botânica Brasilica**, v.19 n2, p. 195-207, 2005.

PEIXOTO, L. S.; COSTA, R. V.; MARISCO, P. C. Caracterização do perfil dos ervanários nos municípios de Alta Floresta e Sinop –MT. **FLOVET**. v.1, n. 7, p. 25-36, agosto. 2015

PEREIRA, R.C. et. al. Plantas utilizadas como medicinais no município de Campos de Goytacazes – RJ. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 14, n. 1, p. 37-40, 2004

REZENDE, H. A; COCCO, M. I. M.. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **Revista da Escola de Enfermagem, USP** v.36 n.3, p. 282-8, 2002

ROSA, R.L. et al. Investigação do uso de plantas medicinais no tratamento de indivíduos com diabetes melito na cidade de Herval D' Oeste – SC. **Revista Brasileira de Plantas medicinais**, v.14, n.1, p.50-56, 2012.

Flovet, v.1, n. 10, p. 61-74. 2018

SANTANA, S. R; GUARIM NETO, G. Plantas medicinais usadas na medicina tradicional em Dom Aquino, Mato Grosso, Brasil. **FLOVET**, v.1, n.9, pag 102- 111. 2017

SANTOS, M.R.A. **Estudos agronômicos e botânicos de erva cidreira (quimiotipo limoneno-carvona)**. 2003. 62f. Tese (Doutorado em Agronomia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SCHWAMBACH, K.H.; AMADOR, T.A. Estudo da Utilização de Plantas Medicinais e Medicamentos em um Município do Sul do Brasil. **Acta Farmacéutica Bonaerense**, v. 26, n. 4, p. 602-608, 2007.

SILVA, W. A.; FAGUNDES, N. C. A.; COUTINHO, C. A.; SOARES, A. C. M.; CAMPOS, P. V.; FIGUEIREDO, L. S. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de São João da Ponte - MG. **Revista de Biologia e Farmácia**, v.7, n.1. p. 122 131, 2012

SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade** 2008, 20. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326473010>>

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 72 p. ISBN: 978-85-7982-046-5. <<http://books.scielo.org>>.

SOERJATO, D. D. Biodiversity prospecting and benefit sharing: perspectives from the field. *J. Ethnopharmacol.*, v.51, p. 01-15, 1996.

SORATTO, J.; WITT, R. R.; FARIA, E. M. Participação popular e controle social em saúde: desafios da Estratégia Saúde da Família. **Physis**, Rio de Janeiro , v. 20, n. 4, p. 1227-1243, Dec. 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312010000400009&lng=en&nrm=iso>. Access o n 10 Julho 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312010000400009>.

SOUZA, C.D.; FELFILI, J.M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 1, p. 135-142, 2006.

VEIGA JUNIOR, V.F. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 2, p. 308-313, 2008.

VEIGA JUNIOR, V.F., PINTO, A.C., MACIEL, M.A.M., **Plantas medicinais: cura segura?** Química Nova 28, 519-528. 2005.

VEIGA, J. B.; SCUDELLER, V. V. Etnobotânica e medicina popular no tratamento de malária e males associados na comunidade Ribeirinha Julião – baixo Rio Negro (Amazônia Central). **Rev. bras. plantas med.** vol.17 nº.4 supl.1 Botucatu, 2015.

VERRENGIA, E. C.; KINOSHITA, S. A. T.; AMADEI, J. L. Medicamentos Fitoterápicos no Tratamento da Obesidade. **Revista UNICIÊNCIAS**, v. 17, n. 1, p. 53-58, Dez. 2013.